

TRATAMENTO MISSIOLÓGICO EVANGÉLICO DO MAU-OLHADO

An evangelical and missiological treatment of the evil eye

Dr. David Allen Bledsoe¹

RESUMO

Este artigo, primeiramente, descreve o mau-olhado e menciona diversos símbolos e estratégias empregadas na Antiguidade e na contemporaneidade, objeto de crença para proteger pessoas de seus efeitos malignos. A segunda parte busca oferecer uma resposta bíblica evangélica a este fenômeno, que poderá ser usada e aperfeiçoada pelo leitor para ajudá-lo a servir outros que lidam com esta crença animista ou outra parecida.

Palavras-chaves: Mau-olhado. Animismo. Missões. Antropologia.

39

ABSTRACT

This article, first, describes the evil eye and mentions several symbols and folk religious strategies used in antiquity as well as today which are believed to pro-

¹ Missionário no Brasil desde 1999 filiado a International Mission Board da Convenção Batista do Sul (EUA). Doutor em Teologia (Universidade da África do Sul, revalidado pela PUC, Rio); Doutor of Ministry (MABTS, EUA); Master of Divinity (MABTS, EUA); Bachelor of Business Administration (University of Memphis, EUA). Professor nas Faculdades Batista do Paraná. Leciona em Cursos de pós-graduação, bem como em cursos livres. Obras publicadas incluem *O Movimento Neopentecostal Brasileiro* (Editora Hagnos) e *Evangelização Via Relacionamentos* (Junta de Missões Nacionais). E-mail: dabledsoe@gmail.com

protect a person from its malefic effects. The second part attempts to offer a gospel-based response which can be used and developed further by the reader to serve others who struggle with this belief or another with similar animistic traits.

Keywords: Evil eye. Animism. Missions. Anthropology.

INTRODUÇÃO

O temor de efeitos malignos do mau-olhado existe desde os tempos antigos e continua a ser manifestado em quase todas as culturas, independentemente da religião majoritária da sociedade em questão. Por isso, propõe-se que talvez seja a crença animista temida mais supracultural e abrangente no mundo. Ao longo de meus anos servindo como missionário, tenho percebido que o mau-olhado não é estranho entre os brasileiros, uma vez que símbolos e rituais mostram que ele provoca preocupação constante. Além disso, esse assunto não se restringe a apenas uma camada socioeconômica da população brasileira.

40

A primeira parte deste artigo introduz o mau-olhado principalmente por descrevê-lo e abordar crenças populares com respeito a seu poder e citar formas empregadas para afastá-lo. Devido a exemplos pessoais no artigo, tomo a liberdade de empregar a primeira pessoa. A segunda parte busca oferecer uma resposta baseada no evangelho de Cristo a este fenômeno.

Por que tratar um assunto tão popular em um ensaio de uma instituição acadêmica confessional? Há três razões a salientar, bem no início, antes de entrar no conteúdo.

Primeira, buscando uma solução bíblica, uma igreja ofere-

ce suprir “o velho”², no sentido de tradições, costumes e pontos de vista, que a mensagem do evangelho de Jesus poderia e deveria preencher esse espaço. Segunda, uma vez que o mau-olhado se assemelha a outras crenças às quais são atribuídos danos pessoais, familiares, bem como comunitários, obreiros cristãos poderiam usá-lo como ponto de partida para responder a outras parecidas, se conseguirem oferecer uma solução baseada no evangelho de Cristo.³ Terceira, ao sensibilizar o leitor para o mau-olhado, este poderá perceber suas manifestações no cotidiano do povo alvo de sua igreja, bem como na própria membresia. Porém, é difícil servir pessoas apegadas a esta crença popular, se obreiros nem percebem seus sinais ao seu redor.

1. DESCRIÇÃO, QUEM PROVOCA E OS MAIS VULNERÁVEIS

O mau-olhado baseia-se na transmissão do mal ou de energia má através do portal do olho de uma pessoa ao olhar para outra ou para um objeto. Entre os motivos que o provocam, cobiça e ódio são rotineiramente mencionadas. Quando o poder maligno for transmitido, ocorre um efeito não desejado, como por exemplo, doença, morte, pobreza ou outra calamidade. Portanto, indivíduos buscam se proteger deste fenômeno ao cumprir um ritual ou exibir um amuleto.

Rheneen descreve em linhas gerais a perspectiva animista como aquela em que “seres espirituais pessoais e forças espirituais impessoais têm poder sobre questões humanas”. Por isso, indivíduos “necessitam descobrir quais seres e forças os estão

2 HIEBERT *apud* SILVA, Cácio. Evangelização de grupos sincretistas. In: WINTER, Ralph D. et al. (eds.). Perspectivas no movimento cristão mundial. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 602.

3 E.g. trabalhos de Macumba; palavras que amaldiçoam; profanar o totem ou lugar sagrado; contato com pessoa suspeita de ser possuída pelos espíritos malignos.

impactando para afastá-las ou empregar seu poder”.⁴ O mau-olhado se encaixa nitidamente na categoria animista, dando sua descrição supramencionada, bem como os exemplos e explicações a seguir.

Há muitas opiniões em relação a que tipo de pessoas poderiam carregar o mau-olhado. Uma suspeita é de que poderia variar de uma cultura para outra, e outra hipótese é que exista apenas entre um povo, em particular. Contudo, algumas ideias são mais aceitas por serem mais frequentemente mencionadas.

Certas sociedades acreditam que um pobre ou alguém que passa fome pode provocar dor de estômago em alguém que coma perante ele. Mulheres não contentes com sua situação conjugal ou que não conseguem engravidar são culpadas de provocar danos a outras com filhos. Além disso, indivíduos com aparência estranha, como por exemplo, proptose ocular (i.e. olhos saídos), são temidos por serem portadores do mau-olhado. Crianças associadas com uma gravidez dolorosa também poderão ser associadas ao mau-olhado.

Mesmo que opiniões sobre seus portadores pudessem variar de uma cultura a outra, aqueles que caem sob a influência do mau-olhado poderiam mudar também. Contudo, há alguns que normalmente atraem mais atenção do que outras. A seguir, destacam-se três em particular.

Parece que crianças são mais vulneráveis que quaisquer outros seres, talvez pela sua suposta inocência, bem como fraqueza para resistir doenças. Basta lembrar que ainda em muitas partes da América Latina, pais de um recém-nascido limitam visitas em casa e evitam expô-lo a seus vizinhos até o batismo da criança. Por agir assim, eles acreditam que o batismo forta-

4 VAN RHEENEN, Gailyn. *Missions: biblical foundations and contemporary strategies*. 2nd edition. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 2014, p. 313.

leça a criança, dando imunização contra o mau-olhado, além de outros benefícios regeneradores que eles poderiam crer que o sacramento promove.

A pessoa que conquistou algo desejado poderia ser o alvo de uma pessoa cheia de cobiça. Por esta razão, alguns acham que o uso do véu de noiva e a chuva de arroz, característicos do casamento, serviriam para proteger do olhar de algum invejoso da noiva, e proteger, portanto, o casal de alguma maldição.⁵ Às vezes, indivíduos bem-sucedidos temem ser vulneráveis a olhares malignos. Percebi essa preocupação por parte de um dono de uma farmácia de uma cidade mineira, uma vez que ele fixou uma placa na fachada da loja que exibe as palavras: “Deus te dê em dobro tudo o que me deseja”.

2. SÍMBOLOS ANTIGOS, PORÉM AINDA PRESENTES

43

Há quatro símbolos da Antiguidade que evidenciam que culturas possuíam preocupação com o mau-olhado há séculos. Por isso, resolvo colocá-los em sua própria seção devido à sua predominância, inclusive atualmente, em certas regiões e entre certos povos. Duas observações interessantes sobre esses ícones. Primeira, três dos quatro contêm o que muitos chamam de “olhos bons”⁶, que são popularmente conhecidos por combater o mau-olhado. Além disso, todos eles são encontrados, de forma variável, no contexto brasileiro.

O Olho de Hórus (fig. 1) veio de um mito egípcio, antes da época de Moisés. Para proteger a humanidade de um deus mau

5 C.f. BOHIGIAN, George H. 1997. The History of the Evil Eye and its Influence on Ophthalmology, Medicine and Social Customs. *Documenta Ophthalmologica*, n. 94, p. 91-100, 1997, p. 97.

6 ELWORTHY; MALONEY *apud*. BOHIGIAN, 1997, p. 95.

chamado Set, o chamado deus Hórus perdeu um de seus olhos quando batalhou contra ele. Ao longo de séculos, esse símbolo representou saúde, plenitude, e, ao que parece, proteção contra o mal. Os médicos na Roma antiga utilizaram as letras Rx, devido à sua semelhança esquemática ao próprio símbolo, em suas receitas médicas como uma súplica a Hórus, ou possivelmente a outro deus, pela cura de seus pacientes.

Em uma academia na cidade de Belo Horizonte, encontrei o Olho de Hórus tatuado no braço de um jovem advogado. Quando lhe perguntei sobre o significado histórico do símbolo, o indivíduo afirmou que sabia, pois fizera uma pesquisa extensiva antes de escolhê-lo. Ao responder a outra questão sobre sua utilidade pessoal, ele entusiasticamente testemunhou: “Desde que o dia que coloquei esta tatuagem, somente coisas boas têm acontecido em minha vida”.

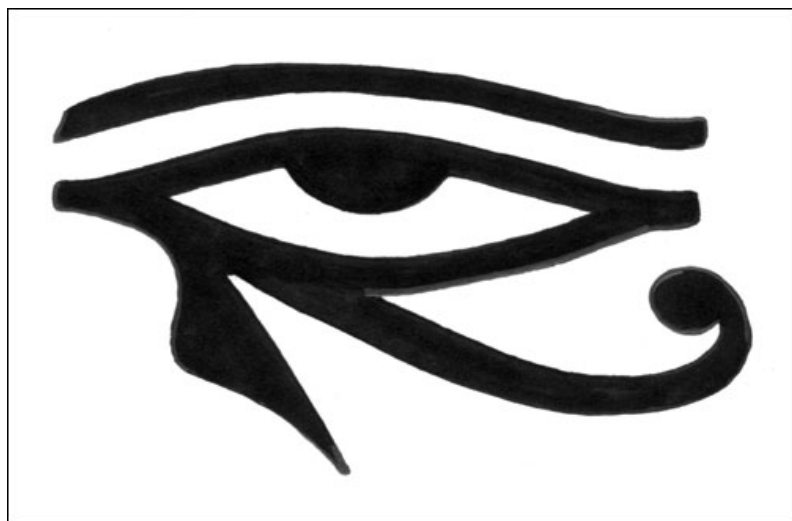


Figura 1 – Olho de Hórus⁷

O Esculápio (em latim, *Aesculapius*) era o deus da medicina e da cura na mitologia greco-romana. Seu símbolo de uma serpente em um caduceu (fig. 2) foi usado nos tempos passados

⁷ Imagem disponível em: http://narutofanon.wikia.com/wiki/Eye_of_Horus_Technique. Acessado em: 25 de maio 2018.

como amuleto contra o mau-olhado. É interessante saber que um médico a serviço do exército real do Reino Unido na época do Rei Henrique VII (1457 a 1509 d.C.) confundiu o caduceu de Mercúrio (fig. 3), símbolo do comércio, com o caduceu de Esculápio. Por isso, muitos na área da medicina, até hoje, continuam a exibir erroneamente o caduceu de Mercúrio para simbolizar sua profissão.⁸

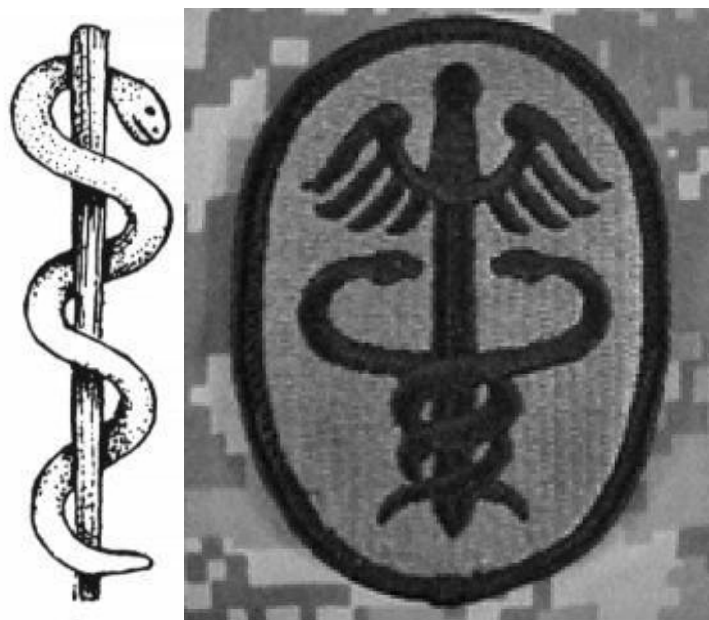


Fig. 2 – Caduceu de Esculápio⁹

Fig. 3 - Caduceu de Mercúrio no uniforme militar¹⁰

O Nazar (fig. 4) representa outro “olho bom”, que é frequentemente visto e usado no Oriente Médio e em partes da Ásia. Este símbolo também se tornou mais famoso no Brasil na última década, como “olho grego”, provavelmente devido à sua proliferação na atual Turquia. Pessoas colocam este símbolo em seus pescoços, penduram no espelho retrovisor dos carros e o

⁸ BOHIGIAN, 1997, p. 94.

⁹ Imagem disponível em: <https://misfitsandheroes.wordpress.com/2016/06/06/the-caduceus-the-staff-of-asclepius-and-other-serpents/>. Acessado em: 04 de junho 2018.

¹⁰ Imagem disponível em: <http://www.militaryclothing.com/army-medical-command-acu-patch.aspx>. Acessado em: 04 de junho 2018.

estampam nas roupas.

Como o Nazar é uma obra de arte atrativa, muitas vezes alguns artigos com esta figura são dados como presentes a outras pessoas. Na verdade, a foto da figura 4 mostra a porta do apartamento de minha vizinha no Rio de Janeiro. Minha esposa resolveu perguntar a ela qual tinha sido sua motivação para colocar o amuleto sobre a porta. A mulher respondeu que ela tinha ganhado de presente de um aluno e nunca fora usado para protegê-la contra algum mau-olhado proveniente de nossa família. Mesmo assim, a conversa deu oportunidade para que minha esposa falasse com nossa vizinha sobre como a fé em Jesus eliminaria a sua necessidade de artigos como aquele.



Fig. 4 – Nazar na porta da vizinha¹¹

Por último, o Hamsa, geralmente chamado de “mão de Fátima”, é um amuleto comum, tido como originário do norte da África (fig. 5). Não deveria surpreender que os muçulmanos do norte da África e os muçulmanos em geral se preocupem com o mau-olhado, já que a tradição oral sustenta que Maomé afirmou sua existência. Em um dos livros do Haddith, o profeta deles citou duas vezes que “A influência do mau-olhado é um fato”.¹² Ele

11 Foto por este autor, cidade do Rio de Janeiro, 04 de junho de 2018.

12 AL-HAJJAJ, Muslim ibn. *Sahih Muslim*. Mika'il al-Almany (ed). Tradução de Abd-al-Hamid Siddiqui. Disponível em: http://d1.islamhouse.com/data/en/ih_books/single/en_

também aconselhou que “quando solicitarem que alguém tome um banho para ficar livre do mau-olhado, deve tomar o banho”.¹³

Eu percebi este Hamsa tanto entre judeus como entre cristãos, quando visitei Israel. Sua aceitação entre os judeus de Israel talvez explique a razão de eu ter visto este mesmo símbolo no apartamento de um judeu ortodoxo que morava em Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro. Este amuleto estava pendurado do lado de fora da peça ornamental que guardava um livro do Tanakha, ou seja, do Antigo Testamento.

A imagem da figura 5 mostra uma jovem brasileira não judia, residente da Barra da Tijuca, que mandou tatuar esse amuleto em suas costas. Enfim, o Hamsa não deve mais ser mais confundido como algo exclusivo do contexto norte-africano.



Fig. 5 – Hamsa tatuada nas costas de uma jovem¹⁴

Sahih_Muslim.pdf. Acessado em: 20 junho 2018. Book 26, no. 5426 & 5427.

13 AL-HAJJAJ, Book 26, No. 5427.

14 Foto tirada por este autor, cidade do Rio de Janeiro, 24 de agosto de 2016.

3. OUTROS AMULETOS E COSTUMES LIGADOS AO MAU-OLHADO

Muitos acham que chifres têm o poder de combater intentos malignos. O gesto de levantar simultaneamente os dedos mínimo e indicador formam este símbolo, quando necessário. Por exemplo, as bailarinas, no romance *O fantasma da Ópera*, fizeram este gesto quando suspeitaram que o Persa (personagem) possuía o mau-olhado por causa da sua aparência desagradável.¹⁵ Entretanto, este mesmo aceno não deve ser confundido com aquele que alguns jovens e roqueiros fazem em momentos de saudações.

Alguns acreditam que existem ervas capazes de quebrar maldições ou dar resistência contra o mau-olhado. Em Salvador, Bahia, quando visitei a Igreja do Senhor do Bonfim, vi um grupo de mulheres encarregadas por um babalorixá ou uma ialoxirá oferecendo banhos com água benzida e folha de arruda para os turistas. Entre seus benefícios, este ritual protegeria e quebraria maldições de mau-olhado.¹⁶ Duas semanas depois, visitei uma aldeia indígena no estado de Roraima, onde um missionário falou sobre um recém-convertido que, de maneira similar, deu banho com folhas de arruda em seu filho, devido ao conselho do pai, que suspeitava que o neto estaria doente por causa de um mau-olhado.

Os últimos exemplos a serem mencionados são os usos de fitas e de artigos com símbolos cristãos, dada a religiosidade católica brasileira. Estes itens são geralmente usados no pescoço ou pendurados no carro para proteção divina e geralmente como uma resposta ao mau-olhado. Entretanto, ao visitar Singapura,

15 LEROUX, Gaston. *The Phantom of the Opera*. Public Domain, 1994, Kindle location 142.

16 Cf. AS ERVAS. *Candomblé – o mundo dos Orixás*. Disponível em: <http://ocandomble.com/ervas/>. Acessado em: 21 de junho 2018.

reparei que os símbolos budistas, ali, eram utilizados da mesma maneira que os símbolos católicos na América Latina. Ainda que tais símbolos sejam amuletos de duas religiões mundiais totalmente diferentes, as pessoas empregam estratégias parecidas de religiões populares para se protegerem de alguns fenômenos dos quais têm medo.

4. PERGUNTAS REFLEXIVAS INICIAIS

É esperado que até aqui tenha sido demonstrada a dispersão da crença, bem como as mesclas culturais e as peculiaridades referentes ao mau-olhado. As próximas duas seções objetivam promover uma resposta a este fenômeno, baseada no evangelho. Entretanto, o leitor deve responder às próximas quatro questões antes de prosseguir.

1. Na sua opinião, o mau-olhado existe?
2. Falar que mau-olhado não existe, resolverá a angústia da pessoa que acredita sofrer o seu efeito?
3. Como responder a alguém que pensa estar sendo vítima do mau-olhado?
4. A resposta acima continha o evangelho de Cristo e o fato de a pessoa ser discípula de Cristo?

49

As questões anteriores têm duplo propósito. Primeiro, que o leitor compare suas respostas com o conteúdo das próximas duas seções. Segundo, eu encorajo o leitor a avaliar o quanto suas respostas oferecem respostas bíblicas fiéis e pastorais a esta crença popular.

5. O QUE A BÍBLIA DIZ SOBRE MAU-OLHADO?

Crentes evangélicos, particularmente os obreiros de igrejas, precisam formular uma resposta bíblica e compassiva para as crenças animistas, e no caso deste artigo, para o mau-olhado. Esta seção, portanto, visa responder a duas questões primordiais. Primeiro, se o assunto tem mérito bíblico. Segundo, que conexão existe (caso exista) entre coração, mente, alma¹⁷ e os olhos?

A tradução portuguesa da Bíblia¹⁸ de 1819 usa o termo “maligno de olho” (Pv 23.6) e “mau olho” duas vezes (Pv 28.22; Mc 7.22). Em outra ocorrência, uma frase equivalente foi escolhida: “seu olho será maligno contra” (Dt 28.54). Ao comparar, os tradutores da Almeida Século 21¹⁹ selecionaram outras palavras que julgaram refletir melhor o que os autores bíblicos queriam dizer a seus leitores naquela época. Para as passagens acima citadas, as traduções foram as seguintes: “invejoso” (Pv 23.6; 28.22), “inveja” (Mc 7.22) e “será mesquinho com” (Dt 28.54).

Trechos bíblicos certamente afirmam a ligação entre os desejos do coração humano e aquilo que alguém olha com co-

17 Ainda que biblicamente haja justificativa para distinguir coração, mente e alma, este artigo apresenta os termos como significados sinônimos, considerando sua correlação nas Escrituras. Entretanto, intencionalmente escolhi mencionar, primeiro, o coração. Emlet acertadamente observa: “Tanto no Antigo como no Novo Testamentos, o coração se refere à orientação básica mais íntima da pessoa, quer ela viva em aliança de obediência a Deus, ou não.” Ele também entende mente e alma como termos paralelos, mas também inclui espírito, vontade, consciência, eu oculto e natureza interna, em sua lista, com os seguintes textos de apoio: Ez 11.19; Mt 10.28; Jo 7.17; Rm 2.15; 2Co 4.16; Cl 1.21; Hb 8.10; 1Pd 3.4 (EMLET, Michael R. OCD: Freedom for the Obsessive Compulsive. Phillipsburg, New Jersey: P&R Publishing Company, 2004. p. 6, 27). Percebe-se que o periódico de Emlet indiretamente se aplica ao mau-olhado, uma vez que obsessões ligadas a esta maldição indesejada podem levar a compulsões destinadas a “prevenir ou reduzir ansiedade ou estresse” (American Psychiatric Association *apud. op. cit.*, p. 4, 27).

18 BIBLIA. Português. A Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira D’Almeida. Londres: R.E. A. Taylor, 1819.

19 BIBLIA. Português. A Bíblia Sagrada Almeida Século 21. São Paulo: Vida Nova, 2010. Disponível em: <http://vidanova.com.br/editora/bibliaalmeida21>. Acessado em: 19 junho 2018. Obs. Citações bíblicas vêm desta tradução.

biça. Por esta razão, Jó determinou não olhar para uma mulher com luxúria (Jó 31.1). Jesus associou os olhos a uma lâmpada, que na realidade revela a condição do coração. De acordo com seu ensinamento, bons olhos revelam um coração cheio de luz e olhos maus revelam um coração propenso para as trevas (Mt 6.22-23; Lc 11.33-25). Por quê? Salomão destacou que do coração “procedem as fontes da vida” (Pv 4.23).

Esta breve reflexão inegavelmente confirma que o coração de alguém está relacionado com seus olhos. Se o coração tiver más intenções ou desejos maléficos, então os olhos seguirão o coração e demonstrarão todo o mal interior.

As Escrituras, por outro lado, não apoiam o fato de que o mal interno ao coração de alguém possa ser transmitido por seus olhos a algum outro ser humano ou objeto, como no caso do mau-olhado descrito na seção 1 deste artigo. Todavia, pode-se verificar, pela observação geral, que alguém que seja ambicioso, egoísta ou vingativo causa danos a si mesmo e às pessoas em seu círculo de influência.

O sofrimento, que resulta destes desejos e intenções malignos, não deve ser confundido como se fosse transmissão do mal de uma pessoa para outra, como no caso do mau-olhado. Isto seria equivalente à magia contagiosa, ou seja, um tipo de vírus espiritual que é transmitido pela maldade de alguém para sua vítima. Novamente, a Bíblia não ensina nem exemplifica nada que apoie esta crença ou fenômeno.

6. RUMO A UMA RESPOSTA BASEADA NO EVANGELHO

É de se esperar que os cristãos nas igrejas entendam melhor a relação entre coração/ mente/alma/olho, e assim estejam aptos

para dar aos outros uma visão bíblica e culturalmente compatível. Este pensamento correto geralmente passa a fazer parte da sua cosmovisão após estudos pessoais e coletivos das Escrituras, bem como a sua aceitação desta crença (cf. Jo 8.21; Rm 10.17; Cl 3.16). Todavia, simplesmente afirmar que a Bíblia não apoia a ideia do mau-olhado, provavelmente nada, ou quase nada fará, para dissipar o medo e a percepção da outra pessoa. Além disso, dizer que este medo seria só uma superstição sem base científica, ajudaria a pessoa menos ainda. Por esta razão, esta seção busca desenvolver uma solução bíblica para ajudar alguém que tema o alcance ou acredite na possibilidade de existência do mau-olhado.

Se uma pessoa acredita que o mau-olhado existe ou até mesmo que é vítima dele, sua percepção permite a brecha para que o diabo opere através do engano e fascínio deste medo (cf. Ef 4.26-27; 2Co 10.5; Tg 4.7).²⁰ As três verdades a seguir devem ajudar na construção de uma solução centrada no Evangelho, para ensinar ou aconselhar uma pessoa que se preocupa com o assunto.

6.1 A CONVERSÃO AO REINO DE DEUS ATRAVÉS DO EVANGELHO DÁ PROTEÇÃO ABSOLUTA CONTRA O MAU-OLHADO E CONTRA OUTRAS CRENÇAS ESCRAVIZADORAS

O Senhor Deus garante seu Espírito a alguém que receba o Evangelho, e o Espírito dá à pessoa adoção e lugares no reino de Deus, como a um co-herdeiro com Cristo (Rm 5.5; 1Co 6.19; Tt 3.5-6). Um filho do Deus Criador, portanto, não precisa continuar escravo do medo (Rm 8.15-16). O Senhor promete que nunca o abandonará. O crente pode confiantemente declarar

20 C.f. PRIEST, Robert J.; CAMPBELL, Thomas; MULLEN, Bradford A. Mullen. *Missiological Syncretism: The New Animistic Paradigm*. In: ROMMEN, Edward (ed.). *Spiritual Power and Missions*. Pasadena, California: William Carey Library, 1995, p. 34-35.

(Hb 13.6): “O Senhor é quem me ajuda, não temerei. Que poderá me fazer o homem?” Além do mais, “aquele que nasceu de Deus, Deus o guarda, e o Maligno não o toca” (1Jo 5.18). Portanto, o mau-olhado não tem poder sobre o Espírito de Deus nem sobre a proteção que Ele dá a Seus filhos e àqueles que pertencem a Seu reino.

Se Satanás tenta ou aflige, o cristão pode ter certeza de que isso vem apenas com a permissão de Deus. Nestes casos, sua graça e sabedoria estão disponíveis para que o crente resista à tentação (e.g. Jó 1 - 2; 2Co 12.7-10; Tg 1.2-8).

6.2 O CRENTE DEVE CULTIVAR A CONFIANÇA DIÁRIA NO SENHOR DO EVANGELHO, QUE NUM INSTANTE PODE ELIMINAR TODO MEDO. E DEVE RESISTIR À TENTACÃO DE RETORNAR ÀS ANTIGAS CRENÇAS E PRÁTICAS.

Esta verdade e a próxima, obviamente, aplicam-se somente se o indivíduo recebe e persevera no Evangelho (cf. 1Co 15.1-2). É após receber o Evangelho que a santificação progressiva vai tomando seu lugar. À medida que a pessoa cresce em Cristo, elementos das religiões populares devem ir se desconstruindo.

De maneira similar, o apóstolo Paulo instruiu a igreja de Colossos a não voltar ou não incorporar sua nova fé com as experiências, rituais e práticas antigas (Cl 2.23). Seu dilema claramente se aplicaria àqueles que são tentados a usar amuletos e rituais para evitar ou destruir o mau-olhado. Os colossenses não necessariamente abandonaram sua fé em Jesus, mas foram seduzidos a complementar o Evangelho com outras fontes espirituais para lidar com as situações deste mundo.²¹ Paulo enxergava esta fusão como algo inaceitável, bem como desnecessária por duas

²¹ FLEMMING, Dean E. Contextualization in the New Testament: patterns for theology and mission. Downers Grove, Illinois: Inter-Varsity Press, 2005, p. 217.

razões. Primeiro porque o Senhor Jesus reina sobre todos os domínios espirituais e, segundo, porque em Cristo a totalidade de Deus, através do Espírito Santo, já os habitava (Cl 2.9-10). A percepção dele era simplesmente “assim como recebestes Cristo Jesus, o Senhor, também andai nele, arraigados e edificados nele e confirmados na fé, como fostes ensinados, sempre cheios de ações de graças” (Cl 2.6-7). Por estas razões, ele os advertiu de que não voltassem às antigas filosofias, uma vez que elas, na verdade, negavam ao Senhor Jesus e seu poder (Cl 2.8).

O crente deve guardar o coração de “doutrinas diversas e estranhas” (Hb 13.9), e neste caso, do mau-olhado. Estas doutrinas, de acordo com a cosmovisão cristã, são obras da carne, contrárias à lei do Espírito e são esquemas do diabo, quer adquirida de grupos religiosos ou absorção cultural. O indivíduo, ao invés, deve se fortalecer na graça pelo Senhor Jesus, andando no Espírito (Gl 5.16-21; Ef 6.10; Hb 13.9).

6.3 O CRENTE DEVE APRENDER E OBEDECER AO SENHOR E SERVIR AOS OUTROS NO CONTEXTO DA COMUNIDADE CRISTÃ, AO INVÉS DE PREOCUPAR-SE CONSIGO MESMO

Uma característica geral dos temores e práticas das religiões populares é a gravitação em torno do ego. Isto é, o indivíduo se preocupa em ser abençoado e em evitar uma maldição – para si mesmo e, no máximo, para sua família. A preocupação que alguém eventualmente tenha com o mau-olhado, por exemplo, na realidade se traduz numa idolatria centrada no eu. Além disso, suspeita e culpa são jogados sobre outros, ao invés de assumir a responsabilidade pessoal e crer no Senhor.

Há razões legítimas para que um conselheiro prescreva trabalho voluntário e assistencial para aquelas pessoas que lidam com ansiedade e medo. Aderindo a esta terapia comporta-

mental, o indivíduo começa a considerar os outros ao invés de si mesmo. Para o seguidor de Cristo, a igreja local é o contexto ideal, bem como neotestamentário, para que ele sirva e considere os outros, uma vez que a “igreja é parte do Evangelho”.²² O crente permite que a graça de Deus traga certeza divina sobre seu coração condenado, enquanto obedece ao mandamento de Deus, de amar seus irmãos de fato e de verdade (1Jo 3.16-23).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto missionários cristãos como pastores de igrejas locais podem ajudar um sem-número de pessoas quando percebem a presença de crenças populares e procura desenvolver respostas bíblicas e compassivas. O mau-olhado é um fenômeno que requer tal atitude, dados seus traços supraculturais e de longo alcance geográfico. Ainda que as Escrituras não confirmem esta realidade, a percepção de uma pessoa de que ele existe causa graves implicações, incluindo preocupação própria, idolatria, engano satânico e aprisionamento ao medo. Um discurso baseado no Evangelho que responda a esta crença e que, com esperança, dissipe seus medos, é, portanto, necessário. Por esta razão, aqui proponho um ponto de partida para reflexão pessoal do leitor, na esperança de que sirva para elaborações adicionais e aplicações ministeriais.

22 STOTT, John. *Evangelical Truth: A Personal Plea for Unity, Integrity & Faithfulness*. Revised edition. Downers Grove, Illinois: Inter-Varsity Press, 2003, p. 99.

REFERÊNCIAS

AL-HAJJAJ, Muslim ibn. **Sahih Muslim**. Mika'il al-Almany (ed). Tradução de Abd-al-Hamid Siddiqui. Disponível em: http://d1.islamhouse.com/data/en/ih_books/single/en_Sahih_Muslim.pdf. Acessado em: 20 junho 2018.

AS ERVAS. **Candomblé**: o mundo dos Orixás. Disponível em: <http://ocandomble.com/ervas/>. Acessado em: 21 de junho 2018.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira D'Almeida. Londres: R. E. A. Taylor, 1819.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada Almeida Século 21**. São Paulo: Vida Nova, 2010. Disponível em: <http://vidanova.com.br/editora/bibliaalmeida21>. Acessado em: 19 junho 2018.

56

BOHIGIAN, George H. 1997. The History of the Evil Eye and its Influence on Ophthalmology, Medicine and Social Customs. **Documenta Ophthalmologica**, n. 94, 1997. p. 91-100.

EMLET, Michael R. **OCD: Freedom for the Obsessive Compulsive**. Phillipsburg, New Jersey: P&R Publishing Company, 2004.

FLEMMING, Dean E. **Contextualization in the New Testament**: patterns for theology and mission. Downers Grove, Illinois: Inter-Varsity Press, 2005.

LEROUX, Gaston. **The Phantom of the Opera**. Public Domain. Kindle version, 1994.

PRIEST, Robert J.; CAMPBELL, Thomas; MULLEN, Bradford A. Mullen. Missiological Syncretism: The New Animistic Paradigm. In: ROMMEN, Edward (ed.). **Spiritual Power and Missions**.

Pasadena, California: William Carey Library, 1995.

SILVA, Cácio. Evangelização de grupos sincretistas. In: WINTER, Ralph D. et tal. (eds.). **Perspectivas no movimento cristão mundial**. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 599-605.

STOTT, John. **Evangelical Truth**: A Personal Plea for Unity, Integrity & Faithfulness. Revised edition. Downers Grove, Illinois: Inter-Varsity Press, 2003.

VAN RHEENEN, Gailyn. **Missions**: biblical foundations and contemporary strategies. 2nd edition. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 2014.